Rute na genealogia de Jesus: o arquétipo da estrangeira em prol da construção da casa comum

Thaís Chianca Bessa Ribeiro do Valle[1]

Resumo
O Evangelho de Mateus expõe a inserção de mulheres na genealogia de Jesus, as quais compõem a essência moral daquele que viria a ser considerado o filho de Deus. O arquétipo da estrangeira presente em Rute evidencia a incerteza sobre a capacidade de se posicionar enfrentada pelas mulheres, mas também a capacidade de se reinventar e se doar em favor do bem comum. O presente estudo demonstra como a moabita cujo nome significa "amizade" manifesta a necessidade de realizar a experiência do estrangeiro com empatia e acolhimento, para a viabilidade da construção da Casa Comum.

Palavras-Chave: Mulheres. Bíblia. Estrangeiras. Rute.

Introdução

Ao analisar as Sagradas Escrituras do cristianismo conforme encontram-se dispostas, em um primeiro momento, parece saltar aos olhos o caráter eminentemente masculino da ascendência de Jesus (Mateus 1:1-17).

Entretanto, apesar da omissão do nome de muitas mulheres, algumas delas como Tamar, Raab, Rute e Maria – esta última, inclusive, caracterizando José como seu esposo –, são expressamente mencionadas como solos férteis na construção da linhagem familiar daquele que viria a ser considerado o "Filho de Deus".

Rute, casada com Booz e mãe de Jobed (ou Obed), que viria a ser avô do rei Davi, inserida na genealogia de Jesus, além de expor a inserção de mulheres na história de formação do nazareno, vem transmitir uma mensagem específica que precisa ser analisada em prol de uma releitura inclusiva da Bíblia, sobre o lugar da mulher na sociedade e na vida daquele que é considerado o Grande Salvador.

Não se trata, aqui, de proceder com anacronismos e negar o machismo da sociedade na qual os personagens dessa história encontram-se inseridos àquele

[1] Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7822186880352675. E-mail: thaischianca2@gmail.com.

tempo, mas de compreender os ensinamentos transmitidos por um livro que, para os cristãos, pretende-se atemporal e capaz de gerar novos ensinamentos ao longo dos tempos.

Neste sentido, o presente estudo tem por objetivo uma análise arquetípica da imagem de Rute contida nas Escrituras, através da qual se pretende reavaliar a condição da mulher na sociedade através do entendimento e da percepção de mensagens contidas no Texto Sagrado do cristianismo desde as suas origens, até os tempos atuais.

2 Quem era Rute? Uma análise arquetípica sobre a estrangeira

> Ascendência de Jesus – Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão,
> Abraão gerou Isaac,
> Isaac gerou Jacó,
> Jacó gerou Judá e seus irmãos,
> Judá gerou Farés e Zara, de Tamar,
> Farés gerou [...]
> Salmon gerou Booz, de Raab,
> Booz gerou Jobed, de Rute,
> Jobed gerou Jessé,
> Jessé gerou o rei Davi. [...]
> Jacó gerou José, o esposo de Maria,
> da qual nasceu Jesus chamado Cristo.
> (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2017, p. 1703-1704).

A história de Rute encontra-se narrada em um livro que leva o seu nome e está inserido entre os Livros Históricos do Antigo Testamento. A história começa a partir de uma grande fome em Judá, fazendo com que um homem chamado Elimelec migrasse de Belém para os Campos de Moab, levando consigo a esposa de nome Noemi e dois filhos, Maalon e Quelion, os quais casaram-se, posteriormente, com as moabitas Orfa e Rute. Com o falecimento dos homens da família, Noemi decide retornar a Judá, deixando suas noras livres para decidirem seus destinos. Orfa retorna para os moabitas e Rute segue com a sogra para Belém. Ao retornarem, Rute vai trabalhar nos campos de Booz, que tinha o direito de resgate[2].

[2] Trata-se de um direito amplamente expresso na Bíblia, através do qual os homens podiam desposar as viúvas de seus parentes e adquirir os patrimônios das mesmas, caso esta não tivesse filhos homens capazes de sustenta-las. O direito se dava por ordem de preferência conforme a proximidade do parentesco, de forma que um parente mais distante somente poderia desposar a viúva caso o parente mais próximo abdicasse de seu direito.

Rute recebe de Booz o nome de "mulher virtuosa", casa-se com ele e ambos têm um filho juntos, Jobed, que seria pai de Jessé e avô de Davi (BÍBLIA, 2017, p. 385-389).

Mas existem algumas peculiaridades a serem observadas na história de Rute. Antes de qualquer coisa, ela é, em sua essência, uma história de estrangeiras e estrangeiros, que saem de seus locais de origem em condições desfavoráveis, em busca de melhores qualidades de vida. Foi assim com Elimelec e Noemi, quando saíram de Belém para Moab, e foi assim com Noemi e Rute, quando saíram de Moab para Belém. E uma história de miscigenação, que mostra Maalon e Quelion casando-se com as moabitas Orfa e Rute, e a moabita Rute casando-se com Booz. Deste último enlace, inclusive, nasce Jobed, que futuramente virá a ser ascendente de Jesus.

Assim, Rute, uma das únicas mulheres citadas na árvore genealógica de Jesus, é, antes de qualquer coisa, uma mulher estrangeira, que saiu de sua terra natal e contraiu núpcias distante de casa, com alguém que, para ela mesma, seria um estrangeiro.

Ainda, o nome Rute significa "amizade" (LOPES, 2015, p. 40-41). Isso se torna bastante significativo, na medida em que a empatia, como sentimento de se colocar no lugar do outro, é constantemente enfatizada na história, seja de Rute para com Noemi, seja de Noemi para com Rute, ou mesmo de Booz para com Rute.

Este intercâmbio cultural através da empatia jamais teria sido possível caso Rute, após viver o conflito entre permanecer no seu lugar natal ou rumar para o desconhecido, livre para escolher, tivesse optado por permanecer em Moab.

Na Bíblia, o estrangeiro é sempre o arquétipo de alguém que vem trazer a boa nova, como na história da samaritana e da água da vida, protagonizada por uma mulher estrangeira de quem sequer se sabe o nome que, tendo encontrado Jesus, é invocada a anunciar a palavra da salvação (Jo 4, 1-42).

Rute também viria a anunciar a salvação cristã, ao se fazer membro da árvore genealógica daquele que o povo cristão considera propagador da palavra de deus, Jesus de Nazaré. Mais do que isso, ela vai trazer para a essência de Jesus os sentimentos de humildade, amizade, fidelidade e empatia que pode vir através do desconhecido, de outra cultura, outro mundo, ou outra dimensão.

A Rute da Bíblia está longe de ser uma pessoa de posses e posições privilegiadas, ao contrário, ela é uma mulher pobre em busca de um futuro melhor para si mesma, posta nas condições mais desfavoráveis para a sociedade da época: mulher, pobre, viúva e estrangeira, que jamais se imaginou fazendo algo de tão grandioso. Explica Joyce Every-Clayton:

> Afinal, ela era mulher, casou-se jovem, não teve filhos, ficou viúva após dez anos de casada, cuidou da sogra, passou fome, trabalhou fora para sobreviver, deixou a terra natal, adaptou-se a uma nova cultura, encontrou-se com Deus, casou-se em segundas núpcias, encontrou felicidade outra vez, teve um filho... Enfim, parece com muitas de nós, não é? [...] Imagine como Rute se sentia, sempre a estrangeira, sotaque diferente, sem entender os costumes nem a multidão de regrinhas religiosas desse seu povo adotivo; sem filhos e, portanto, sem segurança futura, com a sogra às vezes mal-humorada em casa, além da rotina cansativa do dia a dia do pobre... Que impacto poderia ter uma mulher dessas? [...] Mais uma vez, foi algo que teve implicações eternas. Aquele neném nada seria menos do que o pai de Jessé, o avô de Davi, um antecessor do próprio Cristo, conforme a genealogia apresentada em Mateus 1.5. Em certo sentido, nós, povo de Deus hoje, seguidores de Cristo aqui e agora, estamos em débito para com Rute devendo gratidão a Deus pela fidelidade de uma pobre viúva gentia. Impacto? Que grande impacto ela teve! (EVERY-CLAYTON, 2014, p. 107-110).

Conforme expresso por Every-Cayton, Rute é uma mulher que facilmente pode ser identificada na vida de mulheres comuns em nossa sociedade, colocadas à margem do sistema social vigente, mas que ainda assim conseguem ensinar a experiência do diferente que existe em toda mulher, em uma sociedade patriarcal:

> A imagem arquetípica da estrangeira sempre carregou algo de misterioso porque representa o desconhecido. Ela vem de outro mundo, de outra cultura. E, ao final, ela vem de outra dimensão. Na tradição cristã, encontramos Santa Bárbara, estrangeira em seu nome: os romanos chamavam os estrangeiros de bárbaros. Na Alemanha, a palavra se tornou um palavrão. Mas Bárbara vem, na verdade, do mundo de Deus. Ela é uma estranha na Terra e seu pai não consegue suportar o diferente nela. Então, ele a prende na torre, esperando que ela se devolva da maneira como ele imaginou. Ele quer força-la a ser o que ele deseja. Bárbara, porém, não só é diferente como também não se encaixa no que foi imaginado por seu pai. Ela vive aquilo que está dentro dela, mesmo quando seu pai não a compreende. Ela tem seus próprios pensamentos. Trancada na torre, ela conversa com filósofos que convida para estarem com ela. Poder-se-ia dizer que Santa Bárbara dialoga com sua própria sabedoria, ela não limita seus pensamentos. E, ao refletir, decide tornar-se cristã, contra o desejo de seu pai. As mulheres conhecem a situação de não se encaixarem nos padrões de pensamento de

> suas famílias ou da sociedade. Nesses casos, elas são frequentemente vistas como histéricas ou complicadas. É preciso muita autoconfiança para se posicionar mesmo quando aos olhos dos demais essa postura parece estranha. E Bárbara tinha essa coragem. Ela se permitiu pensar por si própria e desenvolver seu próprio conceito de vida. Assim como Bárbara, Rute também representa a mulher diferente, que incorpora algo que não sabemos classificar. Na Antiguidade, o estrangeiro sempre foi visto como algo estranho, ele era tanto temido quanto admirado. Esperava-se que ele dissesse algo que jamais havia sido dito. A ele era atribuída a sabedoria desconhecida, habilidades que não se pode controlar. Por vezes, está ligada a ele a imagem da feiticeira, que pode encantar tudo ou, no sentido negativo, enfeitiçar tudo. (GRÜN; JAROSCH, 2013, p. 161-162).

Assim, as mulheres que vivem seu lado estrangeiro traduzem e introduzem novas ideias, novos paradigmas e novos comportamentos no mundo, porque é necessário recorrer ao desconhecido para se conhecer interiormente. Trata-se de uma busca por uma identidade verdadeira, liberta e autêntica, e essa busca deixa os homens inseguros, porque isso dificulta o domínio dos corpos femininos enquanto corpos sociais inseridos em um sistema patriarcal. Ser a estrangeira remete sempre a um desafio em busca de si mesma e do seu lugar na sociedade, através da empatia.

Jamais se imaginaria Jesus de Nazaré pudesse ter em sua ancestralidade uma moabita estrangeira, e isso significa sobretudo a subversão da ordem instituída e a destruição das antigas estruturas e hierarquias, colocando os muros do preconceito de gênero, classe e etnia abaixo. Rute revela, ainda, a autoconfiança dos povos oprimidos.

A mulher que, ao final, será considerada por Booz como virtuosa, é aquela que enfrenta os próprios desafios com muita sabedoria e dedicação em superá-los, ainda que as condições pareçam desfavoráveis de um sistema que não acolhe o feminino e o trata como à margem da normalidade:

> Frequentemente as mulheres se sentem estrangeiras no mundo. Elas conhecem sua dupla gênese e preservam a intuição de que vêm de outro mundo. Para os homens as mulheres mantêm sua essência impenetrável, que elas não compreendem, e que permanece estranha também a eles, apesar da proximidade e de sua fascinação. O estrangeiro é uma imagem arquetípica. Quando as mulheres lidam com essa imagem, entendem melhor e aprendem a se posicionar. Elas não necessitam se desculpar, dizendo que vêm de um mundo diferente do que vivem. Essas mulheres são gratas pelo segredo

> que nasceu nelas, aquilo que é estranho, desconhecido, indescritível. Isso forma sua grandeza.
>
> Na Bíblia, Rute corresponde ao arquétipo do estrangeiro. Rute é uma mulher moabita, ou seja, uma estrangeira. Por intermédio de Mateus, ela também pertence à árvore genealógica de Jesus, e é uma das quatro mulheres do Antigo Testamento que deu à luz uma criança de maneira excepcional e entrou na árvore genealógica como estrangeira (GRÜN; JAROSCH, 2013, p. 159-160).

No final, ao enfrentar corajosamente os desafios que a vida havia lhe imposto na condição de mulher, viúva e estrangeira em um sistema social que não respeitava nem a um nem a outro, e depois, ter buscado sozinha o seu destino frente ao trabalho e à figura de Booz, Rute torna-se uma mulher revolucionária, e desconstrói toda a figura da mulher não confiável, astuta, virginal ou enfraquecida que o sistema patriarcal da época buscava impor e alguns seguimentos não raciocinados da fé cristã, ainda hoje, procuram perpetuar.

3 A casa comum e a inclusão social de mulheres e estrangeiras

A empatia e o acolhimento às culturas diferentes foram expressamente mencionados pelo Papa na "Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum" do ano de 2015, a qual, com utilização de uma linguagem inclusiva para homens e mulheres, trata da construção, manutenção e proteção do planeta, assim considerado enquanto Casa Comum. Diz a Encíclica, em um de seus trechos:

> [...] É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. Infelizmente, verifica-se uma indiferença geral perante estas tragédias que estão acontecendo agora mesmo em diferentes partes do mundo. A falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil. (LAUDATO SI, 2015, p. 23)

Assim, o Representante Maior da Igreja Católica manifesta preocupação com a falta de empatia por parte da humanidade como perda de sentido sobre a responsabilidade pelos semelhantes.

Estas lições, no entanto, fartamente presentes na Bíblia, e em especial

como expressão dos ensinamentos de Rute, a qual, até o último momento, sacrificou-se também por sua sogra Noemi, ao ponto de ela mesma, Rute, enquanto moabita, abdicar de permanecer em Moab para se tornar estrangeira em Belém, demonstram a necessidade de se analisar os ensinamentos das Escrituras Sagradas dos cristãos em sua profundidade.

Rute toma para si a responsabilidade sobre a vida dela, mas, principalmente, sobre a vida de sua sogra, e passa a viver ela mesma uma vida de doações para a construção de um futuro melhor e mais confortável para ambas, até conhecer Booz, aquele que parece não se importar com o fato de ela ser mulher, viúva e estrangeira, a recebe em sua casa, cede-lhe alimento e proteção, e acaba por casar-se com ela.

E apesar de Rute ser uma pessoa dotada de todos os atributos possíveis de alguém colocado à margem da sociedade naquela época, ou seja, uma mulher, pobre, sem futuro aparente, e "sem pertença comunitária", não há sinais de abandono de Rute para com Noemi, de exclusão de Rute com relação a Booz, ou de qualquer tipo de violência nesta narrativa. Há, apenas, o acolhimento das diferenças.

Esta é a mulher que compõe a genealogia de Jesus. É também a mulher do nosso tempo, protagonista de uma história de busca por inclusões e aceitação das diferenças. E talvez Booz tenha significado para Rute uma sociedade mais humana e acolhedora, tão almejada por mulheres e estrangeiras do mundo inteiro.

Considerações finais

A história de Rute constante das Sagradas Escrituras Cristãs vem revelar uma mulher forte, decidida, e disposta a enfrentar os desafios de sua vida, muito diferente da mulher virginal, sensível, maternal e subserviente pregada por determinados seguimentos da Igreja Católica que buscam sua consolidação, ainda, no patriarcado.

Trata-se de uma mulher que vem a revelar, ainda, o arquétipo da estrangeira, aquela que se mostra excluída do contexto social na qual foi inserida, mas que busca se conhecer e se auto afirmar, em busca de um futuro melhor para si e para sua sogra através da inclusão social de suas diferenças.

Esta é a mulher que, constituindo solo fértil para os objetivos divinos, compõe a essência de Jesus através de sua genealogia. Uma mulher que ultrapassa a própria figura do "Filho de Deus" porque passa a constituí-lo, conferindo-lhe suas próprias características.

Uma mulher que, como criatura humilde e batalhadora, passa a manifestar-se como exemplo não somente para os atos posteriores de Jesus, mas também para mulheres "normais" de nossa sociedade.

Referências

ASSOCIAÇÃO LAICAL DE CULTURA BÍBLICA. ***Vademecum* para o estudo da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2000.

A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev e ampl. São Paulo: Paulus, 2017.

EVERY-CLAYTON, Joyce Elizabeth W. **Fale, mulher:** escutando mulheres da Bíblia. João Pessoa: Betel Brasileiro, 2014.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. **Mulheres da Bíblia**: força e ousadia para viver o que você é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOPES, Geraldo. **Pilares da Igreja**: o papel da mulher na história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2015.

VATICAN. **Carta Encíclica Laudato Si'** do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em 29 out. 2020.